

THE POSTHUMAN E PÓS-MODERNIDADE*

BRAIDOTTI, Rosi. **The posthuman**. Cambridge. UK: Polity Press, 2013.

Fabiano Veliq**
Jordana Greco***

A obra *The posthuman* de Rosi Braidotti (2013) é uma tentativa teórica de definir o conceito de pós-humano e o que, em sua concepção, levou a sociedade historicamente e intelectualmente a aderir a essa definição na contemporaneidade. Para que isso fosse possível, ela contextualiza o desaparecimento e queda do Humanismo tradicional europeu juntamente às novas formas de repensar o que seria o humano fora dessa concepção do “homem vitruviano” que era tão excludente. Dessa forma, Braidotti disserta a respeito de como, em nossa época marcada pelo pós-humanismo, os seres humanos se relacionam de formas diferentes do passado tanto entre si quanto com os outros considerados não humanos.

O primeiro capítulo do livro aponta o ideal clássico construído ao redor da palavra “Homem” e suas concepções etimológicas atribuídas durante a história, principalmente a que diz a respeito ao humanismo renascentista. Tal etimologia projeta o “Homem” através do símbolo do Homem Vitruviano criado por Leonardo Da Vinci, trazendo uma concepção do homem no centro do universo, sendo ele do gênero masculino, racional e europeu. Entretanto, a autora aponta problemas em relação à etimologia “Homem” que, baseada em valores tradicionais europeus e com a sua lógica binária, exclui os que são diferentes desse conceito que são considerados inferiores.

Braidotti, a partir disso, detalha que o Humanismo tradicional começa a ser questionado durante a Segunda Guerra Mundial, no qual houve a criação do anti-humanismo desenvolvido por movimentos sociais de grupos oprimidos que questionavam o que era considerado “humano”. Os anti-humanistas, estavam em busca de criar novos significados a partir das mudanças da subjetividade ao longo da história, retirando o ser humano do centro do universo que ele próprio se colocou.

* Resenha recebida em 16/05/2025 e aprovado para publicação em 10/06/2025.

** Doutor em Filosofia pela UFMG. Doutor em Psicologia. Professor Adjunto III do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: veliqs@gmail.com.

*** Graduada em Psicologia pela PUC Minas. E-mail: Jordanagreco74@gmail.com.

Desse modo, percebe-se que essas ideias “universais” do Humanismo tradicional, criadas e difundidas na Europa, nunca passaram apenas de uma mera construção histórica que nunca se preocupou em abarcar a complexidade multifacetada do que constitui o ser humano. Assim, o pós-humanismo se inicia marcando o fim da oposição entre o humanismo e o anti-humanismo em busca de uma interconexão entre o “Eu” e o “Outro” e de acabar com o individualismo, repensando o ser humano diante da sua pluralidade.

No segundo capítulo, Braidotti assume a concepção da matéria do mundo como sendo auto-organizadora e vital, sendo ela não dependente exclusivamente do homem para acontecer ou controlá-la. Braidotti propõe o que chama de um “monismo materialista”, retomando as leituras de Spinoza realizadas por Deleuze e Guattari como suporte teórico de suas formulações. Na leitura proposta por Braidotti, a noção de codependência é pressuposta, e isso se dá pelo fato de que existem outros “agentes” que influenciam e organizam o mundo, como os outros animais, a natureza e as tecnologias, que são interconectados por teias dessa força auto-organizadora, que ela chama de *Zoe*.

A partir dessa formulação, a autora procura retirar o ser humano do local de superioridade em busca de se abrir para a interação e conexão com o outro. Com isso, na leitura de Braidotti, a vida se torna um processo vivo e interligado com o mundo e os seres ao redor, retirando o ser humano do local de primazia. Entretanto, no atual mundo contemporâneo que contempla o capitalismo neoliberal, essa força vital nomeada de *Zoe* é mercantilizada de diversas formas por meio do comércio de células-tronco, animais, sementes e códigos genéticos, em busca de alcançar um lucro. Percebe-se, então, que o sistema econômico não procura mais fazer a distinção do ser humano e de outros animais, já que os coloca no mesmo patamar de igualdade quando diz respeito à mercantilização e lucro. Nota-se que dessa forma todos os corpos são descartáveis dentro dessa economia de mercado, independentemente se são humanos ou não.

Em seu terceiro capítulo, Braidotti passa a tratar da morte pelo olhar pós-humano, pensando em como o ser humano lida com a sua finitude na contemporaneidade. Percebe-se que a morte ocupa cada vez mais espaço em nossa sociedade, e isso pode ser evidenciado pelas questões midiáticas como notícias de mortes em jornais. Ou seja, as mortes se tornaram mercadorias visuais, livros, jogos eletrônicos e filmes que tratam dessa pauta.

Braidotti disserta a respeito da necropolítica, em que o poder atual tem controle de quem pode ou não ser considerado descartável, decidindo não só mais sobre a vida do outro, mas tendo domínio sobre a sua morte também. A autora enfatiza que não vê a morte como um

fim e sim como uma transição da natureza e como uma parte da *Zoe*, sendo uma continuidade de um ciclo de todo um processo vital que deve ser aceito plenamente. Segundo Braidotti, os pós-humanos desejam abraçar a vida como uma continuidade, pautados e guiados pela força vital auto-organizadora, sendo a morte parte crucial da vida e uma transformação que faz parte do ciclo vital. Dessa maneira, o pós-humano deseja viver de forma compartilhada, descartando pensamentos egocêntricos, narcisistas e hierarquizados, como vistos e propagados no humanismo.

Braidotti disserta em seu quarto capítulo a respeito de como a retirada do indivíduo do centro do mundo e o fim do humanismo afetaram diretamente os estudos acerca das matérias de Humanidades nas universidades contemporâneas, com ênfase nas universidades europeias, que é o contexto da autora. Isso se dá pelo fato de serem fundamentalmente baseadas em pensamentos antropocêntricos em uma época que já reconhece a diversidade cultural. Entretanto, Braidotti pensa que essas rupturas com o passado podem abrir caminhos necessários para as Humanidades, pois seriam uma oportunidade para as disciplinas de humanidades repensarem suas raízes humanistas e proporem currículos mais em consonância com o pós-humano. Ou seja, as humanidades se converteriam em pós-humanidades, e a partir disso, criar debates e estudos entre diferentes áreas multidisciplinares; poderiam abarcar o mundo em que nos encontramos sem focar especificamente no humano.

Braidotti em seguida chama a atenção para o contexto contemporâneo das universidades que, em sua leitura, focam cada vez menos em estudos teóricos e em elaborações intelectuais. Para a autora, as universidades se constituem, em grande medida, em um mercado no qual as pesquisas acadêmicas são mercantilizadas e utilizadas pelos governos visando ao lucro econômico, principalmente na área das Ciências e Tecnologias. Desse modo, as universidades se tornam empresas dentro de um sistema; mas para Braidotti, seria uma chance de reimaginar as universidades em um contexto pós-humano e ressignificá-las.

Braidotti procura compreender o local da universidade no contexto contemporâneo, ressaltando o impacto da revolução digital que mudou como o conhecimento é produzido e disseminado. As tecnologias abrem espaço para novas possibilidades das universidades se reinventarem e aderirem aos novos meios de comunicação tecnológicos em busca de acompanhar o mundo atual.

Essa proposta visa à interação com outros espaços urbanos e sociais que se conectam por meio de tecnologias, permitindo com que a universidade integre diretamente a vida urbana dos seus estudantes e sociedade, tecendo laços e se conectando com o que as rodeia.

Braidotti acredita que as Humanidades irão sobreviver a esse mundo pós-humano desde que estejam dispostas a diversas transformações e adaptações a esse novo mundo, que é marcado pela multiuniversalidade.

Na conclusão, Braidotti diz que não é possível afirmar com certeza que a sociedade é pós-humana e que não devemos nos limitar a apenas essa terminologia pelo fato dos diferentes pensamentos propagados atualmente, como por exemplo, as novas correntes humanistas. Entretanto, bastante aderida no contemporâneo, a corrente pós-humana propõe que o ser humano repense o mundo em que vive e como ele se relaciona com tudo ao seu redor. Isso resulta, muitas vezes, na reestruturação da própria subjetividade e da estrutura do mundo, repensando as relações éticas, normas e valores de acordo com o contemporâneo.

Assim, Braidotti descreve esse livro como uma busca de demonstrar os lados positivos que podem assumir o mundo pós-humano ao mesmo tempo que procura trazer os aspectos desumanos e inumanos que também atravessam essa época. A pós-humanidade traz uma ética sustentável que busca a conexão entre o “eu” e os outros; humanos, não humanos, com o ambiente e territórios, rompendo com o ciclo humanista tradicional tanto mencionado no primeiro capítulo.

Ademais, o pós-humano considera o sujeito não como um “eu” fixo, mas parte de uma entidade transcendental, parte de *Zoe*, uma força inumana e uma rede auto-organizadora que conecta o mundo. Essa força seria uma rede de conexões que retira a hierarquização do ser humano do centro de poder e o coloca como parte dessa grande teia de conexões. Conclui-se que Braidotti percebe então o pós-humanismo como uma virada crucial para que possamos decidir coletivamente o que iremos nos tornar. Desse modo, iremos nos reinventar de forma afirmativa, excluindo os resquícios do que o Humanismo tradicional enraizou na sociedade.

Do ponto de vista pragmático, a proposta de Braidotti se mostra robusta, e a autora se mostra otimista nas possíveis futuras relações entre humanos e os outros seres e artefatos tecnológicos. Do ponto de vista teórico, a proposta de Braidotti parece flertar com uma espécie de holismo sem metafísica. A proposta de um monismo materialista pensada a partir de uma codependência dos seres humanos e não humanos parece ser uma chave de leitura interessante, mas ao propor o conceito de *Zoe* como nome dessa possível interação, a autora flerta com formulações que em grande medida soam quase religiosas.

Outro ponto que gostaríamos de ressaltar é que a escolha do termo pós-humano também parece trabalhar contra o projeto da autora, pois em todo o livro o esforço teórico é de tirar o humano do centro em direção a uma nova época na qual não haja mais uma

hierarquização frente a outros seres do mundo, mas ao usar o termo pós-humano, a autora mantém o humano no centro do debate, de forma que a alternativa que ela propõe é um “pós-humanismo”. Para nós, para que a proposta da autora fosse levada às últimas consequências seria necessário propor um termo que não estivesse dependente da noção de humano ou humanidade.

Para finalizar, acreditamos que o texto de Rosi Braidotti é um livro fundamental para pensar o conceito de pós-humano e se coloca como uma proposta teórica interessante para o debate contemporâneo em torno das novas relações entre o humano e a natureza, o humano e os outros humanos e o humano e as novas tecnologias.